

## **A África em Movimento: Análises Geo-históricas sobre o Protagonismo Africano**

África en Movimiento: Análisis Geo-históricas sobre el Protagonismo Africano

Africa in Movement: Geo-historical Analysis on African Protagonism

**Victor Pereira de Sousa**

Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pós-graduando em Antropologia na Universidade Cândido Mendes.  
E-mail: victordesousa@outlook.com.br

Recebido: 24 de agosto de 2017    Aceito: 16 de setembro de 2017  
Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

---

**Resumo:** O protagonismo africano fala por si só. Porém, por muito tempo encontramos estudos e análises sobre o continente africano baseado em concepções racistas e eurocêntricas, que colocavam a África em uma posição de submissão. Assim, o presente trabalho tem como objetivo desconstruir essa visão eurocêntrica do continente africano, baseado em estudos e análises de importantes autores, como Andrea Marzano, Melina Lima e José Flavio Saraiva, que elucidam o protagonismo africano, ou seja, o afrocêntrismo. Diante de um caráter metodologicamente bibliográfico, o trabalho apontará análises geo-históricas sobre a África em tempos pretéritos e contemporâneos, valorizando as sociedades africanas em diferentes contextos históricos e atuais que fazem da África um importante objeto de estudo. Assim, serão elencadas importantes mudanças no trajeto da historiografia africana, com relevantes considerações sobre a escravidão no continente e o atual espaço no cenário mundial conquistado pela África do Sul.

**Palavras-chave:** Afrocêntrismo; Historiografia; Escravidão; África do Sul.

**Resumen:** El protagonismo africano habla por sí solo. Pero por mucho tiempo encontramos estudios y análisis sobre el continente africano basado en concepciones racistas y eurocéntricas, que colocaban a África en una posición de sumisión. Así, el presente trabajo tiene como objetivo desconstruir esa visión eurocéntrica del continente africano, basado en estudios y análisis de importantes autores, como Andrea Marzano, Melina Lima y José Flavio Saraiva, que elucidan el protagonismo africano, o sea, el afrocismo. Ante un carácter metodológicamente bibliográfico, el trabajo apuntará análisis geo-históricos sobre África en tiempos pretéritos y contemporáneos, valorando a las sociedades africanas en diferentes contextos históricos y actuales que hacen de África un importante objeto de estudio. Así, se enumerarán importantes cambios en el trayecto de la historiografía africana, con relevantes consideraciones sobre la esclavitud en el continente y el actual espacio en el escenario mundial conquistado por Sudáfrica.

**Palabras clave:** Afrocendismo; Historiografía; Esclavitud; Sudáfrica.

**Abstract:** African protagonism speaks for itself. However, for a long time we found studies and analyzes on the african continent based on racist and eurocentric conceptions, which put Africa in a position of submission. Thus, the present work aims to disconfirm this Eurocentric vision of the african continent, based on studies and analyzes of important authors such as Andrea Marzano, Melina Lima and José Flavio Saraiva, which elucidate the african protagonism, that is, afrocetric. Given a methodologically bibliographical character, the work will point out geo-historical analyzes about Africa in past and contemporary times, valuing african societies in different historical and current contexts that make africa an important object of study. Thus, important changes in the path of african historiography, with relevant considerations on slavery in the continent and the current space in the world scenario conquered by South Africa will be listed.

**Key words:** Afrocentric; Historiography; Slavery; South Africa.

## **Introdução**

Falar na África como objeto de estudo implica em uma tarefa complexa e repleta de variedades que constituem esse continente, desde a época pré-colonial até sua consolidação pós-independência. Analisar o continente africano exige, inicialmente, considerar que a África é um continente de grandes dimensões territoriais, que compõem diversos ecossistemas, e diferentes povos falantes de várias línguas e adeptos a diversas religiões.

Exige também, a compreensão de que esse continente possuía diferentes formas de organização política antes da chegada europeia, desde sociedades descentralizadas em que suas decisões eram tomadas por conselhos formados por anciãos, às sociedades secretas de caráter mágico-religioso, passando pelo que diversos autores descrevem como reinos e impérios, que tinham o poder de controlar amplas dimensões territoriais.

Falar em África exige ter em conta as diferentes formas de organização e funcionamento de diferentes sociedades, que conheceram diferentes formas de escravidão antes mesmo do comércio atlântico de escravos. Exige entender que a história dos povos africanos não parou no tempo, uma vez que, os africanos enfrentaram e ainda enfrentam os desafios da pós-independência e a inserção, mesmo que precária, da globalização.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo, elucidar a Geo-história do continente africano, por meio do protagonismo da África no desencadeamento e construção de sua própria história, vista pelos povos africanos, e elencada pelos mesmos, embasado na historiografia do continente. Do mesmo modo, tem como objetivo desconstruir a ideia de passividade da África diante do mundo, mostrando que, o continente tem particularidades importantíssimas para o desenvolvimento global e que não deve mais ser entendido como coadjuvante, mas sim, um dos protagonistas na geopolítica e na história do próprio povo africano, como na dos demais, que sofreram e ainda sofrem grandes influências da África.

De caráter metodologicamente bibliográfico, o presente trabalho traz análises singulares de grandes autores e intelectuais na abordagem da temática proposta, arcabouçando de forma excepcional as reflexões e contextualizações debatidas ao longo do texto.

Assim, podemos elencar as reflexões de Kwame Appiah relacionadas ao racismo e a sociedade; as contextualizações ímpares do professor Hindenburgo Pires sobre a importância da Geo-história e sobre sua relação com a interdisciplinaridade e a diferenciação da mesma com o conceito de Geografia Histórica; as análises de extrema relevância da professora Andrea Marzano sobre a história da África e sua historiografia, sobre a população africana e também sobre a polêmica história da escravidão no continente africano e seus desdobramentos em relação ao comércio atlântico de escravos; contamos também com as abordagens contemporâneas de José Flavio Saraiva sobre o papel e a importância da África no século XXI, incorporando reflexões e estatísticas consistentes acerca do tema; além de enriquecermos, ainda, nossas análises com as contribuições vigentes de Melina Lima, sobre a participação da África do Sul na geopolítica mundial, em especial sua participação no BRICS; dentre outros autores que contribuem efetivamente para a que a África siga presente em nossos objetos de estudo.

## **Breves Contextualizações sobre Raça, Racismo, Pan-africanismo e o Afrocêntrismo na Concepção da Sociedade**

Podemos dizer que o Pan-Africanismo surgiu do que Hernandez (2005) chamou de movimento político-ideológico centrado na noção de raça, noção que se torna primordial para unir aqueles que a despeito de suas especificidades históricas são assemelhados por sua origem humana e negra.

É importante ressaltar que o conceito de raça foi extinto das ciências biológicas, todavia, para as ciências sociais e humanas, como a Geografia, História, Sociologia, Antropologia, dentre as demais, o conceito de raça é presente em seus campos de estudo, além de ser um conceito de extrema importância no entendimento das sociedades, em um viés temporal, presente no espaço geográfico.

Caso o conceito de raça também fosse extinto dessas ciências, o racismo tornar-se-ia um conceito inexistente, o que não é verdade. Por mais que a influência negra esteja presente na história de todos os continentes ao redor do mundo, e em alguns países, a presença do negro seja estruturante na consolidação de tal território, o racismo apresenta números alarmantes diariamente, tratando-se de uma construção histórico-social, e também cultural, que permeia ainda hoje em nossa sociedade. O racismo seria distribuído em duas concepções diferentes, como aponta Appiah (1997):

O racismo extrínseco é manifestado quando há distinção moral entre os membros das diferentes raças por se acreditar que a essência racial implica em certas qualidades moralmente relevantes e essas diferenças por sua vez justificariam o tratamento diferencial entre as mesmas. Um exemplo clássico da manifestação desse tipo de racismo foi aquela dispensada pelo nazismo aos judeus, embora não houvesse nenhuma justificativa racional para o holocausto ele foi realizado simplesmente porque o nazismo estabeleceu a ideologia que os judeus fossem moralmente inferiores e responsáveis pelas mazelas alemãs. Esse fato serve para ilustrar o racismo extrínseco que muitas vezes foi utilizado para fomentar ódios infundados contra um outro grupo por motivos apoiados na noção de raça (APPIAH, 1997).

Já o racismo intrínseco sustenta que o simples fato de ser de uma mesma raça é razão suficiente para preferir uma pessoa a outra. Então esse tipo de racismo estabelece diferenças morais entre os membros das diferentes raças, por acreditarem que cada raça tem um status moral diferente, independente das características partilhadas por seus membros. (APPIAH, 1997).

Dessa forma, seria um equívoco que o conceito de raça fosse extinto das análises sociais e humanas, uma vez que, o racismo se mostra presente em várias esferas do nosso planeta, e é um fator alarmante quando tratamos de desigualdades sociais, segregação socioespaciais, violência, opressão e muitos outros estatutos sociais e humanos.

A trajetória do pan-africanismo está entrelaçada com a trajetória do nacionalismo africano, dessa forma assim como o pan-africanismo tem como eixo de sua formação o conceito de raça o mesmo acontece na construção do nacionalismo na África (ALMEIDA, 2007).

O pan-africanismo tem uma importância vital para a história da África, bem como para a formação da Organização da Unidade Africana e de sua sucessora, a União Africana. Esse movimento foi crucial na constituição da identidade negra, tendo sido um instrumento de unidade de luta destes por reconhecimento, direitos humanos, igualdade racial e depois como elemento agregador na luta pela independência (nacionalismo) através de seus congressos, e também como componente aglutinador para formação de uma instituição continental que também tinha como um dos seus objetivos a descolonização de todo território africano (ALMEIDA, 2007).

Assim, com a estruturação do nacionalismo africano, o Pan-Africanismo foi elementar para o novo olhar sobre o continente, assim como, para uma renovação em sua historiografia. Dentre outros movimentos negros que surgiram na história da humanidade, como o movimento Black Power, uma nova corrente tem aparecido nas pautas de discussões sobre o papel do continente africano em escala global: o afrocentrismo.

O afrocentrismo pode ser entendido uma visão de pensamento que coloca a África no centro das discussões. Todavia, é importante lembrar que mesmo havendo uma semelhança no nome, o afrocentrismo e o eurocentrismo são muito diferentes. Ao contrário do eurocentrismo, o afrocentrismo não coloca a África como um continente superior aos outros, mas sim, busca elucidar a importância, a influência e a grandiosidade da África para com o mundo. Como diria Asenti (2015), a afrocentricidade procura descobrir agência africana em toda situação.

O afrocentrismo também é uma forma de imposição política do nacionalismo africano diante da geopolítica e das relações internacionais contemporâneas, reforçando a capacidade de progresso e desenvolvimento do continente africano. O afrocentrismo tem adeptos de todas as nacionalidades que lutam em prol da África, ajudando-a a combater suas desigualdades políticas e econômicas no cenário mundial, assim como, valorizando suas culturas e religiosidades, dando a esse continente a valorização a que merece.

### **A Importância da Geohistória no Estudo da África**

Inicialmente, torna-se crucial estabelecer a diferença entre Geografia Histórica e Geohistória. Para Pires (2008):

A Geografia Histórica ou Geografia do Passado é o ramo da Geografia Humana que trata da análise das relações estabelecidas entre o homem e a natureza ao longo do processo histórico. Neste sentido, a Geografia fornece subsídios e materiais históricos para a investigação nas áreas da Geoeconomia, Geopolítica e especialmente da Geohistoria. Em síntese, pode-se afirmar que a Geografia Histórica estuda as características e evolução dos espaços históricos, sua morfologia, paisagem e organização territorial assim como sua formação social (PIRES, 2008).

Já a Geo-história, ainda de acordo com Pires (2008), foi uma nova forma dinâmica de pensar a História introduzida pela escola francesa dos Annales, composta pelos eminentes historiadores Henri Berr (1863- 1954), Marc Bloch (1886-1944), Lucien Febvre (1878-1956) e Fernand Braudel (1902- 1985). A Geo-história é também um ramo da Geografia Humana, resultante da combinação de métodos de investigação e metodologias das duas ciências: Geografia e História.

O surgimento do campo da Geohistória, no início do século XX, representou uma ruptura pelo pensamento crítico da historiografia da História Contemporânea com a tradição das narrativas pessoais factuais, e inaugurou o nascimento do movimento pela "Nova História", que defendeu a substituição da história baseada no relato episódico, por outra história baseada na análise científica de problemas, pela história que valoriza a pesquisa e o diálogo com outras disciplinas, ou que promova o enfoque de natureza interdisciplinar (PIRES, 2008).

A interdisciplinaridade no estudo da África é essencial para compreendermos da melhor forma possível sua diversidade e grandiosidade. Assim, em especial aqui, a Geografia e a História são ciências que contribuem efetivamente para uma melhor análise da África como um objeto de estudos, buscando sua valorização e sua posição central nos estudos que compõem sua história. É dessa forma que a Geo-história se torna um instrumento de análise de extrema importância nesse processo, contribuindo de forma singular. Apesar de recente, tendo seu início no século XX, a Geo-história engloba uma vasta riqueza em seu campo de estudo, envolvendo categorias da História e da Geografia, em diferentes esferas, contribuindo para a economia, a política, a cultura, as práticas sociais, e até mesmo ao meio ambiente, não só do seu passado, mas sim, em uma perspectiva de espaço-tempo na construção da contemporaneidade.

## A Historiografia Africana e o Surgimento do Espírito Afrocêntrico

Na Antiguidade, o Egito, na região norte da África, foi fundamental para a configuração do mundo ocidental, assim como a Núbia, e a historiografia dessas regiões aconteceu de forma quase que constante. A escrita na antiga Núbia esteve presente cerca de cinco séculos antes de Cristo. Porém, o mesmo não pode ser dito sobre a região da África Subsaariana. Durante muito tempo a escrita foi privilégio apenas do norte da África e da região situada abaixo do deserto da Núbia. Na África Subsaariana nem mesmo as elites tinham contato com a escrita. Na África Subsaariana a escrita chegaria através dos muçulmanos.

Na África Ocidental, praticantes do islamismo chegariam por volta do século IX, dinamizando o comércio transaariano – que ligava as savanas ao norte e até mesmo à península arábica – e a introdução da escrita. Na costa oriental, comerciantes muçulmanos estiveram presentes desde os séculos VII e VIII, desenvolvendo intensas trocas comerciais que atingiam regiões distantes, como a Índia e o Extremo Oriente, e divulgando a fé islâmica (MARZANO, 2013a).

Com a expansão do Islã e também do comércio, diversos comerciantes passavam a relatar em escritos suas impressões do que viam em suas experiências no continente africano. Ainda é possível encontrarmos escritos em escrita árabe sobre tradições orais africanas, que acabaram por se tornarem fontes importantes da história da África para aquela época onde a escrita não era desenvolvida pelos próprios africanos.

Entre os mais antigos desses relatos, de acordo com Marzano (2013a) estão o *Tarikh Es Sudan* e o *Tarikh El Fetach*, do século XVI. Esses registros – os *tarikh* – são de caráter histórico e acabaram se tornando uma nova tradição, escrita a partir de relatos orais na região da Senegâmbia, que encobre em linhas atuais, os países de Senegal e Gâmbia.

Assim, a historiografia da região da África Subsaariana, por ter desenvolvido a prática escrita tardiamente, acabou não despertando tanto interesse quando as regiões do Egito e da Núbia, por exemplo. A atenção europeia só viria a aumentar no século XVIII, com o surgimento mais assíduo de debates que envolviam o comércio atlântico de escravos.

Ainda assim, o olhar sobre as sociedades africanas não buscava descrevê-las na compreensão de sua história, mas sim, buscava encontrar argumentos, contrários ou a favor, sobre o comércio atlântico. Esse comércio foi praticamente o único motor que desenvolveu um olhar direcionado para o continente africano, em um período marcado pelo desprezo e hostilidade para com esse continente. Havia uma compreensão baseada na ideia de que o continente europeu havia herdado as aptidões das civilizações greco-romana em relação ao seu desenvolvimento, o que fazia com que a maior parte dos intelectuais europeus se sentissem superiores em relação às populações africanas, e por isso, as civilizações europeias deveriam estar sempre a frente das outras, inclusive como objeto de estudo. O que chamamos hoje de eurocentrismo e que vale ressaltar, acontece ainda na atualidade.

Já no século XIX, o interesse pelo continente africano ganhou um novo caráter, impulsionado pelo conhecimento das sociedades africanas e não apenas pela permanência dos debates sobre o comércio atlântico de escravos. Sob uma forma de justificar as pretensões imperialistas europeias.

Nos anos de 1930, a escola antropológica funcionalista, com ênfase no trabalho de campo, mapearia algumas populações e costumes africanos, respondendo, de certa forma, à demanda colonial. Administradores e funcionários precisavam daquele tipo de informação como subsídio para o desenvolvimento de suas funções (MARZANO, 2013a).

Entre o final do século XIX e meados do século XX, a África passaria então a não aparecer mais na historiografia europeia na concepção marginalizada de antes, em uma

perspectiva extremamente marcada por visões eurocêntricas e racistas. A África passa então a desenvolver um discurso afrocêntrico sobre sua historiografia, uma verdadeira revolução intelectual, que foi impulsionada, em grande parte, pela instalação de universidades no continente africano, por volta das décadas de 1950 e 1960.

Daí então, a África com um número muito maior que o passado de africanos com acesso e desenvolvimento da escrita acabou por gerar o interesse dos próprios africanos em relação a sua história. Algo não mais visto pelos olhares europeus, mas sim, pelos olhares africanos. Foi dada a largada para o afrocêntrismo, a construção da história africana por meio dos povos e histórias africanas, pautada em uma perspectiva que muito se difere da perspectiva europeia.

Assim, nos anos de 1950 e 1960 teve início uma ainda pequena produção africana, de caráter propriamente acadêmico, que procurava resgatar a importância da África pré-colonial (MARZANO, 2013b). Essa produção africana tinha como objetivo principal resgatar a grandiosidade africana antes da chegada europeia no continente, ressaltando suas histórias, organizações políticas e econômicas, seus reinos e impérios, a diversidade de sua população, enfim, a riqueza da África. Uma resposta em prol da desconstrução da historiografia eurocêntrica em detrimento a África, tornando o afrocêntrismo à palavra da vez.

Nos anos 1970, a presença de Joseph Ki-Zerbo na Europa e do belga Jan Vansina nos Estados Unidos contribuíram para o reforço da imagem de uma África grandiosa. A produção desses estudiosos e dos seus discípulos, em parte influenciada pelas campanhas pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, priorizou os grandes reinos e impérios e as atividades existentes na África antes da chegada dos europeus (MARZANO, 2013b).

A África mostrou, através dos tempos, que sua cultura e sua diversidade são instrumentos que a impulsionam a se reinventar, se recriar, dando espaço para uma África que se tornou a detentora de sua história, tomou as rédeas de seu percurso histórico e o reescreveu nas vias de fato. Pelas mãos dos africanos, que tanto tiveram que lutar por tal direito que nunca deveria ter sido retirado deles.

### **A Desconstrução da Pacificação Africana Diante do Mundo**

Durante muitos anos, impulsionada principalmente pela historiografia colonial iniciada na década de 1940, a África foi vista como um continente unificado pela pobreza, pela proliferação de doenças, pelo atraso único diante dos outros continentes do mundo. Durante muito tempo, acreditava-se que os africanos eram inferiores as populações de cor branca, pautados em uma teoria evolucionista ligada ao darwinismo social. Dentre tantas outras coisas que eram ditas sobre a África, acreditava-se veementemente que o continente africano era passivo diante dos demais, e que por isso o comércio atlântico de escravos rendeu tanto lucro para potências coloniais europeias como Espanha e Portugal.

Todavia, com o olhar diferenciado de intelectuais para o continente africano, e com o grande arcabouço teórico-metodológico que a historiografia ganhou com as correntes do africanismo, foi possível um mergulho profundo na história deste continente, e muitos autores passaram a rever suas opiniões sobre a escravidão e a África. Depois de ser vista quase que exclusivamente como uma máquina de produzir mão de obra escrava, a historiografia africana deu novas bases e discussões para a geo-história africana.

Existe, até hoje, um grande debate sobre os efeitos causados pelo comércio atlântico de escravos na África. E é possível afirmar que as posições estão bem longe de entrarem em consenso. Porém, podemos dizer que existe um ponto em comum em todas as posições que debatem sobre o assunto: a escravidão na África existe desde épocas muito anteriores ao contato dos europeus com o continente. As discordâncias sobre a escravidão pré-colonial

na África percorre o eixo bifurcado a respeito de sua posição, central ou marginal, nas sociedades africanas. Como aponta Marzano (2013c):

Alguns historiadores tendem a realçar, com especificidade na escravização na África, o fato de estar inserida em várias modalidades de dependência, tendo, portanto, um caráter menos central e, frequentemente, menos mercantil. Para eles, a escravidão teria ocorrido em pequena escala, nas sociedades africanas, em meio a várias outras formas de relações pessoais, exploração de mão de obra ou opressão. Outros autores, no entanto, rebatem essa ideia, afirmando que o papel – central ou marginal – da escravidão nas sociedades africanas, bem como o número de escravizados, variaram muito de uma região para outra, sendo difícil estabelecer generalizações confiáveis para todo o continente (MARZANO, 2013c).

Também existem autores que afirmam que a escravidão só se tornou importante nas sociedades africanas depois da montagem do comércio atlântico de escravos. Para eles, sob o efeito do tráfico de humanos para as Américas, a escravidão se tornou algo muito rentável, aumentando de forma significativa a perseguição, sequestros, configurações de leis que punissem réus a escravidão, e até mesmo o aumento no caso de acusações de feitiçarias. Tudo para aumentar o número de cativos e abastecer o comércio atlântico.

Ainda é possível encontrarmos autores que dizem que o fim do comércio atlântico de escravos fez com que a intensificação da escravidão no continente acontecesse de forma significativa. Para esses autores, após o findar do comércio, a prática da escravidão havia se tornado corriqueira no continente, e isso fez com que o número de cativos dentro do continente aumentasse, pois para algumas sociedades africanas, segundo esses autores, ter escravos era sinônimo de posse e de prestígio social, já que em muitas sociedades africanas, como no reino do Congo, as terras não valiam como propriedades privadas, o único jeito de ter algo sobre seu poder, não sendo o rei, seria manter escravos em sua posse.

Por falar no reino do Congo, esse reino tem uma estreita relação com a escravidão africana e se faz importante na desmistificação da passividade africana diante da escravidão no continente. O reino do Congo ocupava um território que corresponde aos atuais norte da Angola, República do Congo e República Democrática do Congo, e surgiu da unificação de antigos reinos de menor porte, entre os séculos XIV e XV. No reino do Congo, a mesma palavra usada para se referir a "criança" era utilizada para se referir a "escravo", o que ressalva em partes, a dependência entre as sociedades africanas e a escravidão, teoria defendida por alguns autores.

O período mais significativo da exportação de escravos pelo Atlântico foi em meados do século XVII a meados do século XIX. Entre 1650 e 1870, esse comércio retirou do continente quase 11 milhões de cativos. A grande maioria dos africanos que atravessavam o Atlântico eram provenientes da costa oeste, englobando a África Ocidental e Centro-Ocidental (MARZANO, 2013d).

Ainda de acordo com a referida autora, apenas com o auge da demanda, em finais do século XVIII, e com a concentração inicial da repressão ao tráfico ao norte do Equador, no século XIX, passaram a serem exportados números significativos de escravo da costa oriental. Esses números, no entanto, parecem não ter excedido 500 mil.

Nesses quase 200 anos de maior dinamismo do tráfico atlântico, a África Ocidental exportou cerca de 5,7 milhões de escravos, enquanto a África Centro-Ocidental foi responsável pela transferência de cerca de 4,55 milhões de cativos. A África Centro-Ocidental, principalmente o reino do Congo, foi a maior fornecedora de escravos exportados para as Américas até o final do século XVII (MARZANO, 2013d).

Todavia, é preciso ressaltar que, o comércio atlântico de escravos não aconteceu diante da pacificação dos africanos. Nos grandes impérios e reinos da África, seus líderes participavam e buscavam controlar o tráfico, com a finalidade de aumentar seu poder e sua riqueza. Assim como em outras sociedades, a África não deve ser vista como um continente alienado e pacífico diante dos demais. A África precisa ser vista de igual para igual, com suas condições reais entre a sociedade e as organizações políticas locais.

Para Marzano (2013d), todo o comércio atlântico realizado pelos europeus dependeu da aceitação das autoridades africanas. O mesmo pode ser dito sobre o comércio de escravos, cuja montagem foi facilitada pela existência prévia do cativo e da venda de seres humanos no continente africano. Mais do que autorizarem o comércio de cativos para o atendimento e demanda atlântica, as autoridades africanas buscavam controlá-lo, aumentando seu poder e riqueza.

Dessa forma, ao contrário do que se pensava, os europeus não chegaram ao continente africano obrigando os africanos a serem escravizados, todavia, autores ressaltam que os maus tratos impingidos aos escravos se intensificaram com a montagem do comércio atlântico. Até então, a África era vista como submissa, sendo que, seu papel foi de extrema importância na exportação de escravos pelo Atlântico.

Como aponta Milton Santos (2000), sabemos que os interesses cristalizados, que produzem as convicções escravocratas arraigadas, que mantêm os estereótipos, que não ficam no limite do simbólico, incidindo sobre os demais aspectos das relações sociais.

### **A África no Século XXI: a Globalização e o Mundo Contemporâneo**

Como visto a ideia de passividade da África diante do mundo, inclusive na montagem do comércio atlântico de escravos, se mostra inviável aos padrões reais existentes no continente, mesmo em tempos pretéritos. Hoje a África se mostra relutante diante das investidas da globalização e da configuração do mundo moderno.

Estudar a África é discorrer sobre a espécie humana, pois as pesquisas científicas, já comprovaram que a origem mais remota da humanidade é proveniente deste continente, ou seja, os estudos genéticos e paleontológicos apontam para o fato do continente africano ser o berço da humanidade. Desde os mais longínquos ancestrais do homo ao surgimento dos primeiros homo sapiens desenvolveram-se na África, e partir deste continente progressivamente foi povoando o planeta Terra inteiro (WEDDERBURN, 2005).

Diante de sua importância geográfica no mundo contemporâneo, Fonseca (2007) elucida concepções essenciais para o entendimento da importância africana no mundo, pois, como afirma o autor, em extensão territorial a África é o terceiro maior continente com uma área de mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, que equivalem aproximadamente 20% de todas as terras emersas do planeta Terra. São 57 países neste imenso continente que tem uma população de cerca de 800 milhões de habitantes.

Mediante tais fatos, podemos dizer que o mundo contemporâneo é caracterizado pela inserção da globalização nas variadas esferas do nosso espaço geográfico. Como não poderia ser diferente, a África acabou por se inserir nesse processo de globalização e apresenta índices e estatísticas que comprovam a adequação desse continente ao mundo globalizado. Dentre as consequências dessa globalização, tornam-se ainda mais evidentes as análises e compreensões da geopolítica africana e de suas relações internacionais em busca de desenvolvimento e progresso, rompendo de vez com a marginalização histórica na qual foi empregada à África.

A África desenha uma mudança histórica. O século XXI se iniciou com mutações na base das sociedades, das economias e dos Estados africanos. Destacam-se as atuais formas de inserção internacional de seus Estados nacionais, bem como o envolvimento



crescente de antigos e novos atores globais que participam, de forma interessada e crescente, da gestão do futuro da África (SARAIVA, 2015).

Para Saraiva (2015) pode-se reconhecer que o continente africano assiste a uma transição positiva para um novo patamar de inserção internacional no início do novo século. Segundo o autor, em três linhas, pode-se observar a elevação do status da África no nascer do século XXI, a saber:

Avanço gradual dos processos de democratização dos regimes políticos e contenção dos conflitos armados;  
Crescimento econômico associado a performances macroeconômicas satisfatórias e alicerçadas na responsabilidade fiscal e na preocupação social;  
Elevação da autoconfiança das elites por meio de novas formas de renascimentos culturais e políticos (SARAIVA, 2015).

Não restam dúvidas de que a África vem buscando novas abordagens em termos mundiais, se renovando no intuito de alcançar os demais países em posições significativas da economia mundial, fazendo valer suas concepções acerca da compreensão de uma África desenvolvida, capaz de se relacionar, futuramente, de igual para igual com outros grandes Estados da geopolítica mundial.

A África – e mesmo a chamada África negra ou África subsaariana, considerada a região mais pobre do mundo, – cresce entre 5% e 6% ao ano desde 2003. Há uma década de crescimento econômico (2003-2013) que vem sendo apresentado como a década da nova África. Adaptações macroeconômicas à globalização moveram as economias de todo o continente para equilíbrios na área da gestão dos negócios dos Estados. Saudáveis vêm sendo as inflações médias do continente africano, contidas na faixa de 6% desde 2003. As exportações avançam na proporção de 43% a 45% do Produto Interno Bruto (PIB) nos últimos anos. O crescimento do PIB africano nos dois últimos anos foi aproximado a 5%, conforme os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (SARAIVA, 2015).

Segundo dados de hoje do Fundo Monetário Internacional (2012), o Produto Interno Bruto (PIB) da região cresceu 4% em 2003, 5,7% em 2004, 5,6% em 2005 e 4,8% em 2006, alcançando nos anos seguintes o patamar de 5,5%. Em 2012, a África cresceu seu PIB em torno de 5,5%, com previsão de crescimento entre 5% a 6% nos próximos anos.

Cresce a África, no que tange ao crescimento anual do PIB, mais que a Europa e as Américas, particularmente depois da crise de 2008. Reformas econômicas liberalizantes, redução de vulnerabilidades externas geradas por saldos exportadores e crescente atração de investimentos externos diretos são fatos, entre outros, celebrados como de sinalização de sustentabilidade econômica pelos africanos e ainda surpreendem os elaboradores dos relatórios das agências internacionais, como o FMI e o Banco Mundial (SARAIVA, 2015).

Há razões para otimismo em todas as regiões da África, embora existam excessos em alguns países em todas as regiões, do norte ao sul do continente, do leste ao oeste. O ambiente positivo anima a confiança dos mercados. Na média da África negra, os investimentos internos equivalem a 19,4% do PIB, percentual maior que o do Brasil nos dias de hoje, embora seja ainda considerado baixo para a sustentabilidade do crescimento econômico. O vetor da elevação do crescimento interno é visível desde 2002 e tende a crescer nos próximos anos, mesmo ante a crise global que se perpetua menos no contexto do capitalismo norte-americano e mais no caso europeu, tradicionais parceiros do continente africano. A África vem sendo escolhida como parte das prioridades para novas áreas e carteiras de empréstimos do Banco Mundial (SARAIVA, 2015).

Ainda segundo o referido autor, há preocupações, no entanto, no campo social, que variam de país para país, por meio de políticas de construção de metas de redução da pobreza. Há também a atenção dos setores financeiros em alguns países africanos com a eventualidade de um novo ciclo endividamento interno advindo principalmente das políticas financeiras engendradas pela política chinesa na África, que tem interesse estratégico no continente para a compra de petróleo e de commodities agrícolas e para a exploração de recursos minerais.

Outro grande ponto que não se deve deixar de mencionar é a participação da África do Sul no BRICS. A incorporação desse país africano ao BRICS gerou um debate extenso, alvo de muitas críticas, contrárias e a favor, a sua permanência junto aos outros quatro países emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China.

Comparativamente com os outros países do BRICS, a África do Sul tende a ter números menos expressivos, caracterizando-se, possivelmente, como o menor sócio do agrupamento. Isso, no entanto, não retira sua importância no cenário internacional e, sobretudo, no regional, onde esse país exerce significativa influência. Ao chegar ao BRICS, de certa forma, como representante do continente africano, a África do Sul demonstra que, a despeito de seus números menos impressionantes, tem potencial para tornar o agrupamento mais legítimo aos olhos do sistema interestatal (LIMA, 2013).

Segundo dados do Banco Mundial disponibilizados para consulta em seu site oficial ([data.worldbank.org](http://data.worldbank.org)), abordados nas análises de Lima (2013), a África do Sul é o país com a economia mais desenvolvida do continente africano, sendo que seu PIB, de cerca de 400 bilhões de dólares, representa cerca de 25% do produto de todo o continente. Entretanto, em comparação com os outros países do BRICS, a economia sul-africana é bem menos expressiva, representando cerca de 1/4 das economias da Índia e da Rússia, 1/6 da brasileira e apenas 1/18 da chinesa.

Contemporaneamente, o continente africano como um todo tem sido alvo de forte interesse por parte dos indianos, que veem na África oportunidades econômicas substantivas, tanto para o fornecimento de matérias primas quanto para consumo dos produtos industrializados indianos. Além dos indianos, também vemos um grande interesse dos chineses, como aponta Alves (2010), que ressalta que o exemplo mais notório é o Sudão. Desde o final da década de 1980, as firmas do Ocidente foram desestimuladas pelos governos de seus países a permanecerem no país africano, por conta dos conflitos civis existentes e das acusações de dar abrigo a grupos terroristas. Com a saída de grupos ocidentais como a Chevron, cujos investimentos acumulados ultrapassavam US\$ 1 bilhão, o terreno ficou livre para a entrada das petrolíferas chinesas que, juntamente com as indianas e malaias, rapidamente ocuparam o espaço.

Nesse contexto, a África do Sul é não somente um bom mercado consumidor, mas também um bom interlocutor com outros países africanos (LIMA, 2013). A autora ainda completa, afirmando que:

Para o agrupamento em si, a entrada da África do Sul torna o BRICS mais representativo. O continente africano sempre esteve na periferia do sistema mundial de poder, e, embora isso ainda se mantenha, a África vem sendo considerada a última fronteira de recursos do mundo, o que a torna atraente e a coloca em evidência no cenário internacional. Quando se falou, anteriormente, no interesse da Índia pelo continente, é importante ressaltar que isso não é exclusividade indiana, pois todos os outros integrantes do BRICS demonstram, também, forte interesse pela África. A China, nesse cenário, é exemplo emblemático de atuação na África, estando em grande parte dos países do continente em busca de produtos primários e atuando com bastante frequência na construção civil e em outros setores vitais das economias africanas (LIMA, 2013).

Em relação ao Brasil e a África do Sul, por esses dois países terem claras pretensões de aumentarem suas participações no cenário mundial, acabam por criar uma identidade que não faz parte da proposta de grupamento do BRICS, pois, como é possível perceber nos países membros do grupo, a marca principal entre eles é sua diferença entre os países integrantes, e não suas semelhanças. Todavia, essa identidade entre o Brasil e a África do Sul fez com que o Estado brasileiro olhasse com bons olhos a integração do país africano ao BRICS, pois, como há convergências entre esses dois países, acabam-se criando laços mais facilmente, articulando consensos favoráveis para um futuro ganho de espaço no cenário internacional mundial.

### **Considerações Finais**

Ao contrário do que ainda se pensa sobre a África, analisar esse continente como objeto de estudo requer uma diversidade de conhecimentos, em diferentes escalas e esferas do nosso espaço geográfico. A África se apresenta, ainda nos dias de hoje, com um caráter unido diante dos demais continentes, incorporando línguas, culturas, sistemas políticos e econômicos que singularizam sua presença no cenário mundial.

Durante muito tempo, a África foi vista como vítima de um processo colonizador. Todavia, hoje somos capazes de compreender que a África deve ser vista como qualquer outro continente, com erros e acertos, costumes e práticas, simetrias e assimetrias de um continente tão peculiar. Após as décadas de 1950 e 1960, com uma produção historiográfica revolucionária, os africanos foram capazes de dizer ao mundo que a colonização foi um pequeno fato ocorrido na longa história desse continente.

Isso não quer dizer que o período colonial africano foi insignificante, pelo contrário, a colonização da África trouxe inúmeras consequências para o continente, porém, a África não pode ser reduzida a seu período colonial. A história da África é muito maior que sua colonização.

É possível afirmarmos ainda, que a visão da África como fornecedora mundial de mão-de-obra escrava é um equívoco irrevogável. A história da escravidão africana durante décadas permeou por tornar os próprios africanos como coadjuvantes nesse processo. Até mesmo na montagem do comércio atlântico de escravos, porém, diversos autores e documentos antigos, como as cartas que eram trocadas entre o rei do Congo e o rei de Portugal sobre o controle do comércio escravo na África, ainda no século XVI, são capazes de comprovar que a África não se tratou de uma coadjuvante nesse processo, mas sim, protagonista.

A suposta pacificação e passividade africana diante dos europeus são invalidadas, uma vez que, relatos históricos comprovam que o comércio, de escravos ou não, ou qualquer outra atividade realizada em território africano, em sua grande maioria, dependia da autorização de autoridades africanas da época.

Em um percurso histórico-temporal, a África vem mostrando sua grandiosidade diante da participação mundial. É certo de que muitos problemas ainda assolam tal continente, como as epidemias, fome e miséria, porém, a África não pode ser reduzida a tais problemáticas, uma vez que, a mesma vem mostrando em índices do Banco Mundial e do Fundo Internacional Monetário, que nos últimos anos a participação africana no mercado e na geopolítica mundial vem aumentando, e que isso traz índices positivos para o continente.

A entrada da África do Sul no BRICS gerou muitos debates, onde a maior parte dos estudiosos sobre o tema buscavam argumentos, contrários ou a favor, da entrada do país no grupamento. Ainda assim, a África vem mostrando afinidade com o Brasil, além de estar sendo palco de diversos investimentos chineses.

As intenções da China com o continente africano ainda são suspeitas, pois, é sabido que a China vem buscando espaço no cenário mundial a custos indefinidos, como por exemplo, a grave problemático socioambiental na qual o Estado chinês está mergulhado, e que ainda assim, vem mantendo altos níveis urbano-industriais que estão longe dos padrões de desenvolvimento sustentável.

Ainda assim, é inegável que o desenvolvimento africano está trazendo índices otimistas para esse continente, mostrando a grandiosidade africana diante do mundo, e seu papel singular na história da humanidade. A valorização africana ainda precisa alcançar muitos degraus, porém, devemos ter em mente que caminhamos nesse processo até aqui, e que não podemos deixar cair no esquecimento as grandes conquistas do continente africano nas últimas décadas.

## Referências

- ALMEIDA, E. O pan-africanismo e a formação da OUA. **Revista geo-paisagem** (online). Ano 6, nº 12, 2007. Julho/Dezembro de 2007. Disponível em: <http://kilombagem.org/wordpress/wp-content/uploads/2013/01/pan-africanismo-%C3%89rica-Reis-de-almeida.pdf> Acesso em 28/01/17
- ALVES, A. Os Interesses Econômicos da China na África. **Boletim de Economia e Política Internacional**. Rio de Janeiro: IPEA, N.º 1, jan. 2010.
- APPIAH, K. **Na Casa de meu pai: A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro Contraponto, 1997.
- ASENTI, M. Raça na antiguidade: na verdade, provém da África. **Revista de Humanidades e Letras**. Vol. 1. Nº. 3. Ano 2015, Disponível em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2015/09/rac3a7a-na-antiguidade-na-verdade-provc3a9m-da-c3a1frica-molefi-asante.pdf> Acesso em 01/02/17
- FONSECA, D. As fronteiras móveis do continente africano: construções étnicas e estranhas à África. In: SANTOS, R. **Diversidade, espaço e relações sócias: o negro na Geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- HERNANDEZ, L. O Pan-Africanismo In: **A África na Sala de Aula: Visita à História Contemporânea**. Selo Negro Edições. São Paulo, 2005.
- INTERNATIONAL MONETARY FUND. **World Economic Outlook**. Washington: IMF, July 2012.
- LIMA, M. BRICS: entrada da África do Sul no agrupamento e as consequências para o bloco e para o Brasil. **I Semana de Pós-Graduação em Ciência Política – Interfaces da Ciência Política**. Universidade de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <http://www.semacip.ufscar.br/wp-content/uploads/2014/12/BRICS-entrada-da-%C3%81frica-do-Sul-no-agrupamento-e-as-consequ%C3%Aancias-para-o-pa%C3%ADs-para-o-bloco-e-para-o-Brasil.pdf> Acesso em 05/03/17
- MARZANO, A. A África como objeto de estudo 1: diversidade, fontes e metodologias. In: MARZANO, A; BITTENCOURT, M. **História da África**. Consórcio CEDERJ. Rio de Janeiro: CECIERJ, 2013a.
- \_\_\_\_\_. A África como objeto de estudo 2: historiografia. In: MARZANO, A; BITTENCOURT, M. **História da África**. Consórcio CEDERJ. Rio de Janeiro: CECIERJ, 2013b.

\_\_\_\_\_. A escravidão na África. In: MARZANO, A; BITTENCOURT, M. **História da África**. Consórcio CEDERJ. Rio de Janeiro: CECIERJ, 2013c.

\_\_\_\_\_. O comércio atlântico de escravos e seus efeitos nas sociedades africanas. In: MARZANO, A; BITTENCOURT, M. **História da África**. Consórcio CEDERJ. Rio de Janeiro: CECIERJ, 2013d.

PIRES, H. [Reflexões sobre a Contribuição da Geografia Histórica e da Geohistória na Renovação dos Pensamentos Geográfico e Histórico no Século XX](#). In: **Anais do I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico** 27, 28, 29, 30 de Abril, Universidade Federal de Uberlândia, 2008. Disponível em: [http://www.cibergeo.org/artigos/Hindenburgo\\_ICB-HPG\\_2008.pdf](http://www.cibergeo.org/artigos/Hindenburgo_ICB-HPG_2008.pdf) Acesso em 17/02/17

SANTOS, M. Ser negro no Brasil de hoje. In: **Folha de S. Paulo** - Mais - Brasil 501 d.c. – São Paulo, 07 de maio de 2000.

SARAIVA, J. **A África no século XXI: um ensaio acadêmico**. Brasília : FUNAG, 2015.

WEDDERBUN, C. Novas bases para o ensino de história da África no Brasil. In: SECAD-MEC. (Org.) **Educação anti-racista; caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03**. Brasília-DF: MEC/BID/UNESCO, v. 1, p. 133- 166, 2005.